



O modernismo fora do eixo Rio/Sao Paulo - Recife como polo de produção e exportação da arte moderna brasileira

Carlos Henrique Romeu Cabral

► To cite this version:

Carlos Henrique Romeu Cabral. O modernismo fora do eixo Rio/Sao Paulo - Recife como polo de produção e exportação da arte moderna brasileira. XXVI Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP, Sep 2017, Campinas, Brazil. hal-02013934

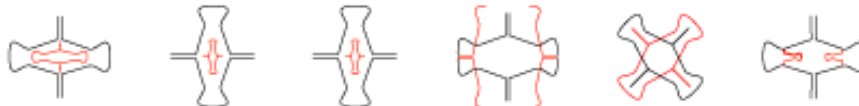
HAL Id: hal-02013934

<https://univ-tlse2.hal.science/hal-02013934>

Submitted on 11 Feb 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



O MODERNISMO FORA DO EIXO RIO/SÃO PAULO – RECIFE COMO POLO DE PRODUÇÃO E EXPORTAÇÃO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA.

Carlos Henrique Romeu Cabral / Université Toulouse II

RESUMO

Este artigo apresenta a cidade de Recife como um polo catalisador de transformações estéticas e intercâmbios culturais desencadeados durante a primeira metade do século XX. Os pintores pernambucanos Fedora, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, aparecem como principais representantes da pintura brasileira em Paris durante a eclosão da Arte Moderna. Esses artistas atuaram como articuladores de uma rede de contatos e intercâmbios entre indivíduos e instituições nacionais no Brasil e no exterior. Suas contribuições redimensionam o legado do estado de Pernambuco na História da Arte Moderna brasileira e revelam um universo artístico de extrema riqueza para a compressão da gênese do modernismo nacional.

PALAVRAS-CHAVE

Arte brasileira; Modernismo; intercâmbios; França; Recife; Rego Monteiro

SOMMAIRE

Cet article présente la ville de Recife comme un pôle catalyseur de transformations esthétiques et d'échanges culturels durant la première moitié du XX^{ème} siècle. Les peintres de la région du Pernambouc, Fedora, Vicente et Joaquim do Rego Monteiro apparaissent comme les principaux représentants de la peinture brésilienne à Paris durant le début de l'art moderne. Ces artistes ont développé un réseau de contacts et d'échanges entre les individus et les institutions nationales et internationales. Leurs contributions redimensionnent l'héritage de la région du Pernambouc dans l'Histoire de l'art moderne brésilien et révèlent un univers très riche pour la compréhension de la genèse du modernisme national.

MOTS-CLES

Art brésilien; Modernisme; Echanges; France; Recife; Rego Monteiro

Um Nordeste Moderno

Durante o processo de difusão das vanguardas modernistas europeias, que serviram de base para a pintura antropofágica e para a construção da identidade da Arte Moderna nacional, a História da Arte Brasileira registra diversos eventos, grupos, instituições e veículos de publicação voltados para a promoção da estética modernista no país. Essa ambiência, marcada por um momento de ricas transformações culturais, oscilava durante o início do século XX no Brasil, entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, ambas situadas na região Sudeste e em pleno florescimento econômico graças à exportação do café e ao desenvolvimento industrial.

O período do ciclo do café (1800 – 1930), concentrou uma elite econômica na região Sudeste do Brasil que acabou contribuindo diretamente para o desenvolvimento e a formação de importantes instituições culturais e artistas nessa região. Nesse sentido, torna-se pertinente destacar a atuação da família Penteado, que através de diferentes gerações, contribuiu diretamente para a realização da I Bienal Internacional de São Paulo, bem como para a criação do Museu de Arte Moderna – MAM/SP e principalmente para o desenvolvimento de importantes coleções e fundos patrimoniais nacionais.

O crescimento industrial também teve seus impactos no desenvolvimento da Arte Moderna Nacional no Sudeste brasileiro. Como principais mecenas pertencentes ao setor industrial nesse momento, é indispensável mencionar a importância da família Matarazzo, que assim como outras famílias ricas cariocas e paulistas, negociaram suas coleções para a criação de importantes museus no Brasil.

A efervescência econômica e cultural vivenciada nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, no florescer do século XX, estabeleceram os marcos referenciais na História da Arte Moderna brasileira, galgados em eventos centralizados principalmente na capital paulista e reunindo diferentes vertentes da produção artística e literária nacional. Entre vários eventos culturais realizados em São Paulo, alguns foram de extrema importância para a atualização do sistema das artes no Brasil e para a incorporação das *avant-gardes* europeias pela pintura nacional.

A exposição realizada em São Paulo, no ano de 1917 com as pinturas da artista Anita Malfatti, apresentou para o público local os primeiros contatos com as vanguardas europeias. Esses novos códigos estéticos resultaram dos vários anos de estudos desenvolvidos pela artista na Alemanha e nos Estados Unidos e foram capazes de atualizar a crítica e os olhos nacionais.

Para compreendermos melhor a centralização do mercado das Artes Visuais na cidade de São Paulo, durante as primeiras décadas do século passado, devemos considerar sobretudo a importância da Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, evento crucial para o estabelecimento da estética modernista no Brasil. Esse festival, além de marcar as bases estéticas do Modernismo nacional, atrai e concentra na capital paulista os holofotes da imprensa, a crítica, os historiadores da arte e os artistas.

Em paralelo ao desenvolvimento econômico, centralizado na região Sudeste do Brasil durante os primeiros anos do século XX, as demais regiões brasileiras dedicavam-se à novas atividades econômicas e ainda colhiam os fragmentos de atividades que, outrora, enriqueceram suas elites, como por exemplo a produção de açúcar no Nordeste e da Borracha no Norte do Brasil.

No Nordeste brasileiro, após um longo período de crescimento econômico baseado na produção açucareira, o estado de Pernambuco adentra o século XX com uma economia também em crescimento. A produção industrial no estado pode ser atestada principalmente através da construção do Porto do Recife que foi responsável por grande parte do escoamento das exportações dos produtos nacionais. Novas atividades econômicas, como o plantio de algodão e madeira para celulose por exemplo, permitiram o estabelecimento de diversas empresas têxteis e de produção de papel na região.

As transformações econômicas mudaram radicalmente a paisagem urbana na capital pernambucana nessa época e permitiram a criação de um sistema cultural distante do eixo econômico situado entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Recife, antes mesmo de ter o seu porto em pleno funcionamento, adentra a primeira

década do século XX como um receptor e difusor de novos códigos estéticos, novas línguas, estilos e culturas. Uma cidade em conexão direta com a Europa.

Assim como ocorrido no Sudeste brasileiro, a elite nordestina enviou também diversos artistas que tiveram a oportunidade de obter formação acadêmica e sucesso em território europeu. Nesse sentido, a família Rego Monteiro foi sem dúvida, a principal fonte de fomento e financiamento para a realização desses intercâmbios artísticos que aproximaram o Nordeste do Brasil e a França.

As trocas culturais realizadas entre a cidade de Recife e a atmosfera modernista em Paris terão início a partir do ano de 1913, quando o representante da empresa inglesa do ramo de tecidos Havendish & Co. Sr. Ildefonso do Rego Monteiro e sua esposa Sra. Elisa Cândida Figueiredo Melo do Rego Monteiro, enviam para Paris sua filha Fedora do Rego Monteiro, acompanhada pelo seu irmão Vicente, ambos pintores e com os objetivos em comum de estudarem na reputada *Academie Julian*. Em um segundo momento, outro Rego Monteiro também seguira para Paris. Joaquim do Rego Monteiro, filho mais novo do casal e também pintor, assim como seus irmãos Fedora e Vicente, desenvolverá uma trajetória acadêmica e profissional de extrema importância para a internacionalização da pintura brasileira no início do século XX.

Entre 1870 e 1960, Paris é considerada a capital intelectual e artística da Europa e consequentemente do mundo ocidental. As transformações históricas e políticas que essa cidade conheceu no fim do século XIX abrem às atividades culturais, um campo de ação e de experimentação único na História.

Paris, um ponto de referência estável na história da arte moderna e contemporânea, se apresenta nesta pesquisa tanto como espaço cultural próprio, que atraia os artistas estrangeiros, quanto como um sistema de comunicação entre « colônias » artísticas, a partir dos intercâmbios realizados pelos artistas Rego Monteiro.

O contato dos pintores Fedora, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro com a cultura europeia, bem como com o mercado de arte francês, foi longo, duradouro e produtivo, participando de importantes exposições em diferentes instituições. Os resultados do contato entre esses artistas e os ares modernistas parisienses

possibilitaram o desenvolvimento e a atualização de um sistema cultural localizado na cidade do Recife, à margem dos eixos hegemônicos nacionais e inseriu a produção da pintura brasileira, nesse momento, em uma dimensão mercadológica internacional.

Considerando que, a importância da cidade do Recife e suas contribuições para o desenvolvimento da Arte Moderna brasileira ainda não foram evidenciados de forma clara na história da arte brasileira, este artigo pretende discutir diversos elementos e fontes históricas capazes de revelar o papel de alguns artistas pernambucanos como vetores da construção do modernismo nacional. Para isso, foram consultados os arquivos de diversas instituições francesas detentoras de importantes informações que registraram o percurso dos pintores Rego Monteiro na França e seus desdobramentos.

Na *Bibliothèque François Mitterrand*, foram consultados os Jornais, os Magazines e as Revistas especializadas em Artes entre o período de 1913 e 1934. Através do estudo das fontes históricas encontradas nessa instituição, foi possível identificar os espaços expositivos que veicularam individualmente a produção visual de Fedora e Vicente do Rego Monteiro durante a primeira estadia dos irmãos Monteiro na França, 1913 – 1914, período interrompido pela I Guerra Mundial.

No *Musée Geo-Charles*, situado em Grenoble, foram consultados os arquivos do crítico de arte Geo-Charles, amigo íntimo da família Monteiro. As fontes revelam importantes informações sobre o desenvolvimento da arte brasileira no início do século XX, e indicam também a figura de Joaquim do Rego Monteiro como uma personalidade inovadora, atuante e representante da pintura brasileira no mercado parisiense.

Alguns indivíduos e episódios serão abordados neste texto como uma possibilidade de esclarecer e evidenciar o que foi ofuscado ou até mesmo ignorado pela História da Arte Moderna brasileira em relação à participação do Nordeste no Modernismo nacional. A rearticulação de fatos ou de indivíduos já conhecidos com outros que não sejam tanto conhecidos ou praticamente anônimos, permitirá então a construção

de uma nova leitura sobre o desenvolvimento da pintura moderna brasileira durante a primeira metade do século XX.

Os pintores pernambucanos e a Escola de Paris

Dentre vários artistas brasileiros que participaram do êxodo estético com destino à cidade de Paris durante o início do século XX, este artigo se debruçará sobre a presença de três irmãos nascidos na cidade do Recife em Pernambuco e que tiveram a pintura como linguagem artística em comum.

Fedora do Rego Monteiro (1889-1975), Vicente do Rego Monteiro (1899-1970) e Joaquim do Rego Monteiro (1903-1934), diferentemente da maioria dos artistas brasileiros originários dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, fixaram residência e abriram ateliês em diversas cidades francesas, estabeleceram uma densa relação com o mercado internacional e foram muito além das temporadas turísticas realizadas pela maioria dos artistas plásticos que compuseram as bases da Semana de Arte Moderna de 22.

Nascida em 03 de fevereiro de 1889, Fedora do Rego Monteiro, irmã mais velha da fratria Monteiro, apresentava desde sua mocidade uma inclinação para a pintura e dedicou-se ao estudo dessa linguagem. Sua trajetória como artista foi marcada por uma série de transformações de ordem pessoal que refletiram na evolução da poética da artista.

Os primeiros registros de sua formação acadêmica indicam sua presença na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro – ENBA/RJ, que abriu o acesso ao público feminino através das mudanças administrativas após a proclamação da República, embora as aulas de modelo vivo ainda fossem proibidas para artistas do sexo feminino.

Bloqueada nos ateliês de modelo vivo da ENBA/RJ, a artista encontrou a possibilidade de evoluir os seus estudos através de uma formação artística internacional e ingressou na *Academie Julian* em Paris, cidade que a recebeu em 1913 ciente de seu currículo e de sua trajetória como pintora já consagrada pelas instituições brasileiras.

Herdeira de uma pintura de cunho academicista, refém do retrato e da representação realista da natureza, a artista recebe da imprensa francesa, durante os seus primeiros meses de trabalho em Paris, duras críticas ao seu apego aos cânones acadêmicos que predominavam no Brasil, conforme podemos verificar em um texto publicado no jornal *Le Radical*.

Son dessin, qui ne manque pas de souplesse est insuffisamment dégagé des influences scolaires. [...] On ne peut encore rattacher Mlle Rego Monteiro à aucune école contemporaine. Elle n'a point évolué vers les recherches chromatiques du néo-impressionnisme chères aux Signac, aux Henri Martin, aux Le Sidaner. [...] Sa technique deviendra plus rigoureuse et plus précise dès qu'elle négligera les virtuosités des ateliers et les effets classiques pour serrer de plus près la nature. [...] Le plein air sera, pour l'excellente élève d'académie qu'est encore Mlle Rego Monteiro, une splendide révélation. (M.P. « Le Monde des Arts ». *Le Radical*. Paris, 29/03/1913.)¹

Ao mesmo tempo em que apontava os pontos frágeis na produção de Fedora, a crítica francesa aconselhou à artista uma experimentação de novas técnicas de construção pictórica, provocando assim um diálogo entre a artista e os padrões estéticos desse novo ambiente onde ela se encontrava agora inserida. No mesmo ano que essa no *Le Radical* crítica fora publicada, Fedora expusera no *Salon des Independants*, referência no processo de desenvolvimento da Arte Moderna mundial. Nomes como Signac, Mondrian e Fernand Léger expuseram na edição de 1913 onde estreou a pintora Fedora. Esse fato marca na História da Arte Brasileira a presença feminina no mercado internacional durante o século XX de uma maneira institucionalizada e ao mesmo tempo independente.

As transformações na obra da artista são evidentes. O surgimento de uma nova maneira de criar as imagens é incorporado à sua poética e deixa em segundo plano o gênero do retrato, sua especialidade. Como observamos em uma de suas poucas obras guardadas nos museus brasileiros, a artista desenvolveu um diálogo com as técnicas e estilos que se aproximam das características neoimpressionistas que serviram de base para o desenvolvimento das vanguardas modernas.



Fedora do Rego Monteiro
Flor do Panamá, 1925
Óleo sobre madeira 55cm x 55cm
Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhaes, Recife - PE

Apos a I Guerra Mundial, Fedora não se reinstalou em Paris como fez seu irmão Vicente. Ela fixou-se na capital pernambucana ao casar-se com o político e jornalista Aníbal Gonçalves Fernandes. Então chamada de Fedora do Rego Monteiro Fernandes, a artista ainda participou da Criação da Escola de Belas Artes do Recife onde atuou na fundação da Instituição e também como integrante do corpo docente durante décadas. Fedora do Rego Monteiro Fernandes expos até os últimos anos de sua vida, falecendo em 1975 aos 86 anos, na cidade de Recife.

Aberto para artistas de todas as nacionalidades, o *Salon des Indépendants* significou para os artistas estrangeiros não só mais uma porta de entrada para o sucesso internacional, mas também um ambiente propício para a realização de transferências artísticas entre seus países de origem e o ambiente artístico da Europa.

Outro Rego Monteiro também estreou no mercado internacional através do *Salon des Indépendants*. Vicente, acompanhou sua irmã Fedora em Paris durante os anos de 1913 e 1914 e obteve também a oportunidade de respirar os ares modernistas, estudar e expor fora do Brasil. Esse artista desenvolveu uma relação entre a pintura brasileira e o mercado de arte francês de forma precoce e muito mais profunda que sua irmã, visto que, permaneceu muito mais tempo em território francês que Fedora.

Sua primeira exposição internacional aconteceu quando ele tinha apenas 15 anos, em 1914 no Salão dos Independentes em Paris.

As décadas vividas em Paris após a I Guerra permitiram que Vicente desenvolvesse uma ampla e importante rede de contatos pessoais e profissionais, atuando assim de forma constante como principal representante da pintura brasileira em Paris.

Diversas pesquisas foram realizadas sobre Vicente do Rego Monteiro, não só devido a sua produção como pintor, mas também como poeta e escritor. O artista atuou profundamente na cena parisiense participando de diversas exposições. Sobre sua trajetória em Paris e seus desdobramentos em solo brasileiro, o pesquisador Walmir Ayala afirma que:

Desde sua formação como artista, passou longas temporadas em Paris em comparação com as mais ou menos estadas da maioria dos artistas brasileiros que se detinham na capital francesa mais como turistas na área cultural. Em 1923 já pertence ao grupo da Galerie L'Effort Moderne, de Léonce Rosenberg, ilustra livros em Paris, inclusive de autoria de Fernand Divoire, do L'intransigeant, expõe na Galerie Fabre, prefaciado por Maurice Raynal em 1925, e em 1928 em Bernheim Jeune, introduzido por Ozenfant. Liga-se, ao mesmo tempo a latino-americanos em Paris, participando da I Exposição do Grupo Latino-Americano em Paris, ao lado de Torres-Garcia, Figari, Orozco e Rivera, entre outros, na Galerie Zack. Seria também Rego Monteiro quem, em 1930, traria a primeira grande exposição de arte contemporânea da Escola de Paris, numa iniciativa ao lado de Geo-Charles, a quem se liga por amizade. (AYALA, 1980, p. 31)

Dentre suas idas e vindas entre Recife e Paris, Vicente contribuiu também para o desenvolvimento de uma « indústria » impressa em Pernambuco voltada essencialmente para as manifestações políticas e artísticas que permeavam a Modernidade no Nordeste do Brasil e no Mundo.

A revista Renovação, criada em 1939 por Vicente do Rego Monteiro e Edgard Fernandes, serviu de principal veículo para difundir as ideias modernistas, deu voz e lançou diversos poetas pernambucanos tais como João Cabral de Melo Neto. Vicente contribuiu também fortemente para a indústria gráfica recifense através da instalação de sua gráfica Presse à Bras, imprimindo poemas, ilustrações e reproduções de obras de artes de autores modernistas brasileiros e franceses em um prelo manual.

Vicente do Rego Monteiro, desde o início de sua carreira como pintor, materializou através de suas imagens mitos e cenas de um Brasil exótico que seduzia os olhos europeus. Ele transitou entre as figurações geometrizadas derivadas do cubismo e o universo indígena brasileiro marcados por uma forte influência da obra e dos conselhos de Fernand Léger.



Vicente do Rego Monteiro
A caçada, 1923
Óleo sobre tela 202cm x 259,2cm
Museu de Arte Moderna de Paris, França

Mesmo distante do eixo Rio-São Paulo, Vicente foi o único Rego Monteiro que participou da semana de Arte de 22, expondo 8 trabalhos entre pinturas em óleo e aquarelas. No entanto, sua contribuição para o modernismo nacional deu-se além dos muros do Teatro Municipal de São Paulo. Assim como seus irmãos, o artista rompeu as fronteiras geográficas e estéticas nacionais, projetando durante décadas a pintura moderna brasileira em nível internacional e atualizando os códigos estéticos em Recife e região.

O irmão mais novo da fratria Monteiro, Joaquim, apresentou sua pintura no Brasil e na França de forma inovadora e brilhante. No entanto, seu período de produção artística se encerra prematuramente com sua morte aos 30 anos em Paris, deixando um universo existencial e artístico ainda oculto na História da Arte Brasileira. Esse continente inexplorado e totalmente desconhecido se revela carregado de uma vasta riqueza.

Sobre a importância da produção de Joaquim do Rego Monteiro e a ausência de pesquisas sobre sua obra, Herkenhoff afirma que:

A incógnita sobre a obra de Joaquim do Rego Monteiro é grave. Sua obliteração tem razões: internacionalismo, distância e escassez. [...] Por que a crítica modernista não se interessou por sua pintura? Não só pela distância, mas também por não se dedicar a temas nacionalistas, objetivo maior de alguns deles? A escassez e o desconhecimento do paradeiro da obra desse Rego Monteiro dificultam a avaliação de seu significado e da extensão mesma da contribuição pernambucana para o Modernismo brasileiro. [...] Joaquim do Rego Monteiro foi o primeiro brasileiro a fazer experimentos geométricos a partir da lógica interna de sua obra plástica, e não do simples recurso a uma voga. Suas telas abstratas seriam um certo grau zero do projeto construtivo brasileiro. (HERKENHOFF, 2006, p. 45-46)



Joaquim do Rego Monteiro
 La Rotonde, 1927
 Óleo sobre tela 81cm x 100cm
 Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhaes, Recife - PE

Joaquim do Rego Monteiro chega em Paris no ano de 1922, em plena a eclosão da arte moderna brasileira. Tendo preferido o terreno francês em detrimento ao circuito paulista, o artista transita entre as cidades de Nice, Paris e Recife. Embebido pela atmosfera modernista europeia ele retorna para seu país de origem no ano seguinte.

Em 1923, segundo o crítico de arte francês, **Geo-Charles**, Joaquim regresso ao Brasil e entre os anos de 1923 e 1925 irá expor nas cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O regresso às origens permitirá, não apenas a realização de trocas de experiências estéticas, mas também o desenvolvimento de uma pintura documental e histórica através de suas atentas observações sobre a sociedade periférica recifense como afirma **Geo-Charles** em um artigo publicado na revista modernista pernambucana **Renovação**:

La nature, les gens et aussi le style à la fois simple et baroque des églises brésiliennes, l'influencent de la façon la meilleure parce que la plus sincère. C'est alors que Joaquim peint ses séries de

mocambos, de pauvres chaumières qui pullulent aux environs de Recife, parmi les lagunes qui en fait une sorte de Venise pauvre, mais qui l'aube et le couchant parent de splendeurs inouïes. Ces toiles, sous des bleuités lourdement célestes parmi lesquelles pointent les cocotiers aux chevelures ébouriffées campent des maisonnettes et des pêcheurs également pauvres. Outre leur réelle valeur picturale et poétique, ces œuvres comporteront dans l'avenir un intérêt documentaire et historique indéniables. (GEO-CHARLES, 1940, p. 11)²

Em 1925, Joaquim retorna para Paris onde permanecera até sua morte no ano de 1934. Durante esse segundo período, o artista aprofundará suas pesquisas pictóricas e escoará os seus trabalhos através da Galeria Gonet e principalmente do Salão dos *Sur indépendants*, visto como o principal celeiro das transformações estéticas mais radicais na Paris das primeiras décadas do século XX.

A exposição internacional da *Ecole de Paris* desembarca em Recife

Trazida por Vicente do Rego Monteiro e patrocinada pelo então diretor do Museu do Estado e marido de Fedora, o Sr. Aníbal Fernandes, a exposição da *École de Paris* se instala inicialmente na cidade de Recife em 1930. Nessa época, a cidade que se encontrava mergulhada profundamente em uma estética regionalista, experimentou os principais nomes das vanguardas europeias. Posteriormente, a exposição em sua itinerância, seguiu para as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo respectivamente.

Durante o processo de pesquisa foi possível localizar exatamente os nomes dos artistas integrantes que compuseram a exposição. No museu Geo-Charles, em Grenoble, ao consultar à coleção da Revista Montparnasse, encontramos a lista dos artistas participantes, conforme apresenta a figura abaixo extraída do primeiro número impresso no ano de 1930:

LISTE DES EXPOSANTS	
BAUCHANT.	LAHNER.
Marie BLANCHARD.	LA SERNA.
BORRÈS.	LE FAUCONNIER.
BOSSHARD.	LÉGER.
BRAQUE.	LHOTE.
CAMPIGLI.	LOUTREUIL.
CLÉMENT.	LURÇAT.
CSAKY.	MARCOUSSIS.
DERAIN.	MASEREEL.
Germaine DERBECQ.	MASSON.
DUFY.	MATISSE.
FARKAS.	MONTEIRO.
FASINI.	PAPAZOFF.
FLOUQUET.	PICASSO.
FOUJITA.	RENDON.
GALLIBERT.	SANDOZ.
GLEIZES.	SENABRÉ.
GOUNARO.	SEVERINI.
Juan GRIS.	STERLING.
GROMAIRE.	SURVAGE.
HALICKA.	VALMIER.
HERBIN.	VLAMINCK.
JOAQUIM.	VINES.
LAGLENNE.	Eugène ZAK.
LAURENS.	

Fonte: Revista Montparnasse, (1930)

Mesmo sendo a primeira cidade do Brasil a receber uma exposição internacional de Arte Moderna, o choque cultural entre o público e o conteúdo veiculado foi de alta tensão. De um lado uma sociedade viciada esteticamente no pertencimento local, no resgate e na preservação dos valores regionais. Do outro lado, uma produção visual que, para ser compreendida, carecia dos códigos necessários ao entendimento da estética modernista, ainda não popularizados na sociedade recifense, porém já dominados pelos irmãos Monteiro.

A importância da vinda dessa exposição significa não apenas para o Recife, mas para todo o país, uma oportunidade de atualizar os códigos estéticos vigentes no mercado europeu. Em paralelo, esse evento foi capaz de projetar internacionalmente os artistas brasileiros que integraram esse evento, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, declarando-os no Brasil e reafirmando-os na França como membros integrantes da *École de Paris*.

A rede de instituições parisienses e os pintores recifenses

De origem essencialmente acadêmica, os Salões proporcionaram efetivamente o aumento do público fruidor a partir da visão de um júri que selecionava os artistas e os trabalhos a serem expostos, inserindo-os em um espaço economicamente centralizado. É através desse novo espaço institucional que os artistas pernambucanos Rego Monteiro entraram em contato direto com novos parceiros

econômicos estatais e com a massa de potenciais compradores pertencentes a sociedade civil no exterior.

Os ares dos salões certamente oxigenaram a trajetória artística dos artistas Rego Monteiro e de seus contemporâneos, projetando a pintura moderna brasileira na principal vitrine mercado internacional. Fedora do Rego Monteiro, junto com seus irmãos Vicente e Joaquim, foram os únicos artistas brasileiros a exporem trabalhos artísticos durante o início do século XX em um mercado internacional de maneira tão institucionalizada e frequente.

A presença institucional dos artistas pernambucanos na França, durante a primeira metade do século XX não se deve apenas às inúmeras participações dos irmãos Rego Monteiro nos principais Salões e galerias de arte de Paris, mas também à aglutinação de forças através da criação de coletivos.

Além dos salões e galerias que marcaram a trajetória institucional dos pintores pernambucanos no mercado da arte moderna europeia, os irmãos mais velhos, Fedora e Vicente do Rego Monteiro, participaram como membros fundadores da *Société des Artistes Bresiliens em France*. Criada em Paris no ano de 1913, essa instituição tinha como principal objetivo promover e divulgar a arte latino-americana no mercado internacional.

A associação estabeleceu relações e parcerias entre diversas instituições, contribuindo efetivamente para uma maior visibilidade do cenário artístico do Brasil no exterior e principalmente fortalecendo e integrando a classe artística brasileira que buscava uma projeção internacional no estrangeiro.

A heterogeneidade do grupo não foi marcada apenas pela diversidade de ações e pela origem de seus integrantes, mas também pela presença feminina, dificilmente incorporada por um mercado de arte predominantemente machista e opressor. Em sua formação inicial o grupo teve como representantes artistas do sexo feminino apenas a pernambucana Fedora do Rego Monteiro e a paulista Helene Pereira da Silva.

Considerações

Através do intercâmbio realizado pelos irmãos Monteiro em academias, salões e galerias de arte na França, torna-se evidente a criação e o estabelecimento de uma rede de relações entre o panorama estético europeu e a produção artística presente nas Artes Plásticas no Nordeste Brasileiro, centralizada essencialmente na cidade de Recife durante as primeiras décadas do século XX.

A criação da revista Renovação e atuação da gráfica Presse à Bras, criadas por Vicente do Rego Monteiro em Recife, contribuíram diretamente para a difusão das ideias modernistas no estado de Pernambuco e para a criação de um sistema artístico local em sintonia com o mercado da arte europeia.

Através da realização da exposição internacional da Escola de Paris em Recife reafirma-se o papel dessa cidade como uma importante fonte de atualização dos códigos estéticos da arte moderna no cenário nacional.

O nome de Joaquim do Rego Monteiro aparece nesse momento, como um dos únicos representantes da pintura brasileira na Escola de Paris. A importância de investigar a trajetória desse pintor torna-se fundamental para compreendermos o início do abstracionismo no Brasil.

A necessidade em investigar a produção dos artistas Rego Monteiro não deve se restringir apenas ao entendimento do processo de projeção da cidade de Recife como polo produtor e exportador da pintura moderna brasileira, mas também como um caminho para elucidar na História da Arte do Brasil o processo de desenvolvimento do Modernismo no Nordeste e suas reverberações no cenário nacional.

Este texto deriva de uma pesquisa doutoral em História da Arte, ainda em desenvolvimento, realizada junto à Université Toulouse II, através do Laboratoire France, Amériques, Espagne – Sociétés, pouvoirs, acteurs – FRAMESPA, sob a direção do Dr. Jean Nayrolles, onde investigo as transferências artísticas realizadas entre o Nordeste do Brasil e a França no início do século XX e a difusão das vanguardas modernistas na América Latina após a I Guerra Mundial.

Notas

¹ Seu desenho, que deixa de surpreender, é insuficientemente desapegada das influências escolares. [...]. Nós ainda não podemos relacionar Sra. Fedora do Rego Monteiro à qualquer escola contemporânea. Ela não experimentou as pesquisas cromáticas neoimpressionistas presentes na obra de Signac, Henri Matisse, Le Sidaner. [...]. Sua técnica se tornou mais rigorosa e mais precisa desde que, ela negligencie as virtuosidades dos ateliês e os efeitos clássicos ao se aproximar da natureza [...]. A pintura ao ar livre será uma excelente revelação para a excelente e ainda estudante da academia Sra. Rego Monteiro.

² A natureza, as pessoas e também o estilo, por vezes simples e barroco das igrejas brasileiras, influenciam da melhor maneira porque é a mais sincera. Eis então que Joaquim pinta sua série de mocambos, casebres pobres que se multiplicam em torno de Recife, entre as lagoas que a transforma em uma espécie de Veneza pobre, mas que ao amanhecer e ao pôr do sol se veste de esplendor sem precedentes. Nestas pinturas, sobre azulados fortemente celestes através dos quais apontam os coqueiros com cabelos assanhados, acampam casinhas e também pescadores pobres. Além de seu valor pictórico e poético real, estas obras irão incluir no futuro um interesse documentário e histórico inegável.

Referências Bibliográficas

- APPOLINAIRE, Guillaume. *Chroniques d'art 1902–1918*. Paris, Éditions Gallimard, 1960.
- AYALA, Waldir. *Vicente inventor*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1980.
- CABRAL, Carlos. A Sociedade dos Artistas brasileiros e o papel dos artistas brasileiros na conquista do mercado internacional. In: *V Diálogos Internacionais. II Encontro Regional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP*, 2016, Recife, PE. *Anais* (on line). Recife: UFPE, 2016. p. 67-73. ISBN 978-85-415-0883-4. Disponível em: « https://issuu.com/lucianaborre/docs/anais_v_dialogos_internacionais.com » Acesso em: 01 jun. 2017.
- GEO-CHARLES, Louis. Joaquim do Rego Monteiro. *Renovação*, Recife: a. 2, n. 4, p. 10-11, 1940.
- LOBSTEIN, Dominique. *Dictionnaire des Indépendants (1884–1914)*. Dijon, L'Echelle de Jacob, 2003.
- HERKENHOFF, Paulo. *Pernambuco Moderno*. Recife, Instituto Cultural BANDEPE, 2006.
- MONNIER, Gérard. *L'art et ses institutions en France*. Paris, Editions Gallimard, 1995.
- MONT-PARNASSE. Paris: *Au sans pareil*, a. 16, n. 1, 1930.
- M., P. *Le Monde des Arts*. *Le Radical*. Paris, 29 mar. 1913, p. 4. Disponível em: « <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k7603576n/f4.item.r=Fedora%20do%20Rego%20Monteiro.zoom> » Acesso em: 20 mai. 2017.
- SANCHEZ, Pierre. *Dictionnaire des Indépendants (1920–1950). Répertoire des exposants et liste des œuvres présentées*. Dijon, L'Echelle de Jacob, 2008.

Carlos Henrique Romeu Cabral

Doutorando em Histoire de l'art pela Université Toulouse II, Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba e Licenciado em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor efetivo em regime de dedicação exclusiva no Instituto Federal de Pernambuco – *Campus* Olinda, atua como docente do curso Técnico em Artes Visuais. Em suas pesquisas dedica-se às investigações sobre a História da Arte no Nordeste brasileiro.